

# Brasil faz duas propostas para reduzir dívida da América Latina

por Getulio Bittencourt  
de Cancún

O Brasil fez duas propostas para a redução da dívida externa intralatino-americana que foram bem recebidas por seus parceiros, quase todos em dívida com os brasileiros. Ambas prevêem a participação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), cujo presidente, Enrique Inglesias, elogiou ontem as propostas.

O primeiro mecanismo proposto é a redução da dívida externa utilizando a dívida não latino-americana do país credor regional. Por exemplo, a Colômbia deve ao Brasil. Ela vai então ao mercado secundário e compra títulos da dívida brasileira com desconto, que servem para pagar sua dívida com o Brasil.

"Os dois países latino-americanos se beneficiariam do desconto em proporções variáveis", resume o secretário internacional do Ministério da Fazenda, Sergio Amaral. Isto quer dizer que o desconto do Deposit Facilit Agreement (DFA) do Banco Central do Brasil, atualmente ao nível de 68%, não seria integralmente embolsado pelo país que o comprou e que deve ao Brasil. Mas de qualquer modo o país devedor teria um importante desconto em sua própria dívida.

"A nossa idéia é que o BID participe desse processo", disse Amaral, "colocando de lado (set aside), como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) estão fazendo no Plano Brady, parte de seus empréstimos à região para tais operações. O BID pode fazer isso porque estaria beneficiando a todos."

O presidente do BID, o uruguaiño Inglesias, soube da proposta pelo próprio Amaral e disse publicamente que em princípio é a favor. "A posição oficial do Banco só poderá ser assumida diante de uma proposta oficial", explicou Inglesias ontem a este jornal. "Mas só posso ser a favor da proposta porque ela reduz a dívida interna da América Latina, assim como a dívida externa em geral."

Sergio Amaral lembra que "estaremos reduzindo



Sergio Amaral

duas dívidas: a do Brasil com os bancos e a de outros países da América Latina com o Brasil. Isso posto, há um segundo benefício, que é a possibilidade que se abre ao aumento do comércio na região. O Brasil poderá abrir novos créditos a países da América Latina,

por exemplo, que no momento não pode abrir porque se transformou, sem poder, em agente financeiro do comércio latino-americano".

A segunda idéia proposta pelos brasileiros é de que parte da dívida assim negociada possa ser paga na moeda do país devedor, ficando retida naquele país na forma de um fundo a ser administrado pelos dois países. Esses recursos poderão ser utilizados de várias maneiras.

Uma delas seria como meio de financiamento a investimentos brasileiros naquele país. Outra seria como meio de financiamento do comércio. E outra ainda como meio de financiamento das exportações daquele país para o Brasil.

"Poderíamos usar o fundo em moeda local para financiar ainda a cooperação técnica do Brasil com os países que nos devem na

América Latina", acrescenta Amaral. Para o nível das economias da região, a dívida total desses países com o Brasil é significativa — quase US\$ 4 bilhões.

Existem algumas dificuldades para operacionalizar as idéias, porém. Ainda não se sabe qual poderia ser o tratamento contábil desse fundo internamente no Brasil. E há casos de dívida intralatino-americana financiada com recursos do Finex. Mas o Finex é agora um fundo rotativo, e se os empréstimos não são pagos ficará sem recursos para fazer novos financiamentos.

Em todo caso, as idéias produzem um terceiro efeito. "Mostram a nossos próprios credores externos que estamos dispostos a fazer para outros países algumas das coisas que pedimos que façam para o Brasil", concluiu Sergio Amaral.